

CARACTERIZAÇÃO DO COMPLEXO CARNE-FRIGORÍFICOS NA REGIÃO DE JALES – SP ¹

Evandro César Clemente ²
Antonio Nivaldo Hespanhol ³

Resumo: O presente artigo tem como objetivo principal caracterizar o complexo carne - frigoríficos na região de Jales - SP, no período que se estende de 1970 ao final dos anos 1990, buscando analisar a atuação dos frigoríficos localizados no município de Jales e as relações estabelecidas entre os referidos frigoríficos e os pecuaristas da região. A Microrregião de Jales - SP, situada no extremo noroeste paulista, apresenta uma estrutura fundiária que se diferencia daquela predominante no Oeste paulista, por ser constituída de um grande número de pequenas e médias propriedades, e que portanto, se apresenta menos concentrada do que outras áreas. Além disso, seu espaço agrário se apresenta organizado numa produção agropecuária diversificada, onde se destaca a fruticultura, sobretudo a viticultura. O trabalho na agricultura está organizado em bases familiares nas pequenas e médias propriedades. No processo de modernização da agricultura brasileira, ocorrido sobretudo nas décadas de 1960 e 1970, as transformações na base técnica do processo produtivo agrário, não se deram de forma pronunciada na referida região.

Palavras-chave: bovinocultura de corte, frigoríficos, modernização da agricultura.

CHARACTERIZATION OF THE MEAT-FRIGORIFICS COMPLEX IN THE AREA OF JALES - SP

Abstract: The present article looks for to analyze and to characterize the complex meat - butcher shops in the area of Jales - SP, in the period that extends of 1970 at the end of the years 1990, looking for to analyze the performance of the butcher shops located in the municipal district of Jales

¹Projeto de Pesquisa desenvolvido com apoio financeiro da FAPESP, na modalidade IC (Processo 99/09691-7).

²Aluno do Curso de Graduação em Geografia da FCT - UNESP, Campus de Presidente Prudente-SP. End. Rua Roberto Simonsen, 305. Centro Educacional. CEP: 19060-900, Caixa Postal: 467. Presidente Prudente/SP. E-mail: evandrocesar@zipmail.com.br

³Docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP/Presidente Prudente (SP). Rua Roberto Simonsen, 305. Centro Educacional. CEP: 19060-900, Caixa Postal 467. Presidente Prudente (SP). Tel: (0XX18) 229-5375. FAX (0XX18) 221-8212. E-mail: nivaldo@prudente.unesp.br

and the relationships established among referred them butcher shops and the pecuaristas of the area. Microrregião of Jales - SP, placed in the end northwest from São Paulo, presents a structure fundiária that differs of that predominant one in the West from São Paulo, for being constituted of a great number of small and medium properties, and that therefore, he/she comes less concentrated than other areas. Besides, its agrarian space he/she/it presents organized in a diversified agricultural production, where he/she stands out the fruticultura, above all the viticultura. The work in the agriculture is organized in family bases in the small and medium properties. In the process of modernization of the Brazilian agriculture, happened above all in the decades of 1960 and 1970, the transformations in the technical base of the agrarian productive process, were not given in referred in a pronounced way her area.

Key-words: *court bovinocultura, butcher shops, modernization of the agriculture.*

1. Introdução

A Microrregião Geográfica de Jales compreende 23 municípios e está localizada no extremo noroeste paulista, fazendo parte da Mesorregião Geográfica de São José do Rio Preto, tendo a sua economia, grande vinculação com o setor primário da economia, que deriva, sobretudo, do seu contexto histórico de desenvolvimento econômico-social, e em grande medida, da sua posição geográfica. A Região de Jales não apresentou uma dinamização das atividades agropecuárias no contexto da modernização da agricultura brasileira e, também, ficou à margem do processo de desconcentração industrial ocorrido no Estado de São Paulo a partir de meados da década de 1970.

Com relação ao termo que se está utilizando, "complexo", entende-se como duas partes que mantêm relações entre si, que neste caso, as partes são a bovinocultura e as plantas frigoríficas de abate e processamento de carne.

Para atingir os objetivos da pesquisa, foram analisados dados de fonte secundária, no caso os dados disponíveis no Censo Agropecuário do IBGE, como também dados de fonte primária, obtidos por meio de entrevistas e da aplicação de questionários junto a pecuaristas.

Foram aplicados 38 questionários junto a produtores pecuaristas do município de Jales - SP e realizadas entrevistas com os dirigentes das duas plantas de abate de carne instaladas no município.

Deste modo, este artigo encontra-se estruturado em seis partes, além da introdução e das considerações finais. No primeiro tópico, realizou-se uma breve análise do processo de ocupação da região de Jales.

No segundo tópico procura-se contextualizar a bovinocultura de corte e o setor frigorífico no cenário nacional. No terceiro tópico, apresenta-se a organização e a estruturação do espaço agrário regional. No quarto, diante das características apresentadas pela região, procura-se analisar a forma em que a pecuária bovina se insere na região. E, por fim, no quinto e último tópico, analisa-se a constituição e a caracterização do complexo carne - frigoríficos na região de Jales.

2. O Processo de Ocupação da Região de Jales - SP

A região de Jales passa a ser ocupada na primeira metade do século XIX, por volta de 1830, quando chegam os migrantes mineiros em busca de novas terras. Os mineiros adentraram no planalto ocidental paulista para "fazer posses" em grandes extensões de terras, em razão, sobretudo, da decadência da mineração e das mudanças ocorridas na política de "distribuição" de terras, com a promulgação da Lei de Terras em 1950, na qual a terra passou a ser cativa⁴. O que levou os mineiros a se anteciparem a esta Lei.

É neste contexto, que em 1830, chega na região, o mineiro Patrício Lopes de Souza, oriundo da aristocracia mineira decadente, e que fez parte desta onda de migração mineira que avançou por praticamente todo o Oeste de São Paulo, alcançando até os campos do Paranapanema.

Este mineiro toma posse de grande parte das terras da antiga Alta Araraquarense, onde realiza algumas benfeitorias, como pastos e algumas culturas, denominando esta extensa parcela de terras do noroeste paulista, de "Fazenda São José da Ponte Pensa".

Patrício Lopes de Souza retorna a Minas Gerais em 1860, onde falece. Em 1912, a fazenda "Ponte Pensa", é alvo de um processo de grilagem, comandado por Odorico da Cunha Glória e Mário Furquim, que munidos de documentação falsa, se apresentam como legítimos herdeiros do Sr. Patrício Lopes de Souza (Chaia, 1980).

Neste mesmo ano, o Governo do Estado de São Paulo, que demarcava terras devolutas, contestou a posse de Glória e Furquim. E mesmo assim a grilagem obteve êxito, pois o Estado não conseguiu ou não quis comprovar que a documentação era falsa, de acordo com Chaia (1980).

Com o sucesso da grilagem, é fundada a "Sociedade Glória & Furquim", e imediatamente retalham a "Ponte Pensa" em glebas menores vendendo-as a especuladores. Estes, por sua vez, retalham as glebas em pequenos lotes, vendendo-os a descendentes de imigrantes empobrecidos e interessados em possuir sua própria terra. Isto se dará no momento em

⁴ Ver Martins, José de Souza. *O cativo da terra*. São Paulo, Hucitec, 1980.

que a região será efetivamente ocupada, nas décadas de 1940 e 1950, quando a estrada de ferro Araraquarense atinge a região e, posteriormente, as barrancas do rio Paraná.

Neste momento, com a valorização das terras da região, ocasionada pela chegada da estrada de ferro, desencadeia-se um intenso processo de especulação de terras, no qual, os agricultores oriundos das chamadas "zonas velhas" passaram a se estabelecer na região com a aquisição de um lote de terra.

Observa-se assim, que este processo de territorialização do capital na região, em seu processo desigual e contraditório de desenvolvimento, terminou por constituir uma estrutura fundiária desconcentrada, visto que o objetivo dos loteadores era auferir lucros de maneira rápida e fácil, e não "organizar" a estrutura fundiária regional em pequenas propriedades.

Um elemento de significativa importância no processo de ocupação da região e que deve ser destacado, é o papel da pecuária. Desde o final do século XIX, passava pela região de Jales, a "Estrada Boiadeira", que na época constituía-se na principal ligação entre as áreas de criação de gado no Mato Grosso⁵, e as cidades paulistas onde haviam plantas frigoríficas de abate de bovinos (São José do Rio Preto e Barretos).

Esta estrada foi importante na época, uma vez que todo o gado oriundo do Mato Grosso, deveria passar por Minas Gerais, mais precisamente pela cidade de Uberlândia, atravessar dois rios (Paranaíba e Grande), e ainda pagar tributos ao Estado de Minas Gerais na travessia dos dois rios. Além do que, os fazendeiros de Rio Preto defendiam a construção desta estrada, argumentando que era uma questão de segurança nacional, visto que os paraguaios poderiam adentrar pelo Chaco e atingir o território brasileiro. Assim, esta estrada serviu não somente ao transporte, mas também a objetivos estratégicos e geopolíticos do país no contexto da época.

Desse modo, era interessante a construção de uma estrada que ligasse São José do Rio Preto ao Porto Tabuado, no rio Paraná. Isto reduziria em muito a distância, a cobrança de impostos, e o gado passaria a atravessar apenas o rio Paraná, ao invés de dois rios (Paranaíba e Grande).

Assim, no final do século XIX e início do século XX, a região de Jales já fazia parte da rota de comércio de gado entre as áreas de criação, localizadas em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, e as cidades paulistas de São José do Rio Preto e Barretos, onde se localizavam as plantas de abate, revelando deste modo a importância do papel da pecuária na organização do espaço agrário regional.

⁵ Naquela época o Estado do Mato Grosso era constituído pelos atuais estados do Mato Grosso do Sul e Mato Grosso.

A pecuária, que após a Crise de 1929, toma impulso no Estado de São Paulo, em razão da decadência da cafeicultura, expandirá na região apenas a partir dos anos 1950, sendo justamente neste momento que ocorrerá uma significativa expansão das áreas de pastagens em detrimento das áreas de floresta na microrregião de Jales, ficando as áreas destinadas as lavouras estagnadas, de acordo com Ceron (1971).

A partir dos anos 1960, observa-se um processo de expansão da cafeicultura na região de Jales. É interessante observar, que este processo ocorre justamente no momento em que a cafeicultura entra em declínio em todo "setor norte-ocidental paulista"⁶, sendo substituída por lavouras e pastagens. Neste momento de expansão do café, também ocorreu a expansão da produção de matérias-primas industriais como o algodão, o amendoim e os cultivos alimentícios tradicionais (arroz, feijão, milho, etc...), e a criação de bovinos de corte e leite, os quais tiveram notável desenvolvimento na região, conforme Ceron (1971). É a partir deste momento que a região passará a se caracterizar por sua diversificação da produção agropecuária.

A produção de café na região não se deu nos moldes das demais regiões do Oeste Paulista, onde o café era produzido em grandes propriedades com mão-de-obra assalariada. Pelo contrário, na região de Jales, o café era produzido em pequenas propriedades e com a utilização do trabalho familiar.

Este tipo de atividade agropecuária, predominou na região até meados dos anos 1980, quando este produto entra em crise, sendo substituído pelas pastagens e pela fruticultura.

Neste momento, verifica-se uma importante reorganização do espaço agrário regional, que passa a substituir a cafeicultura pela fruticultura, e em especial a viticultura de mesa, ao lado de outras culturas e da pecuária mista, com maior peso à pecuária leiteira.

Além do processo histórico, responsável pela constituição da estrutura fundiária desconcentrada, a manutenção desta se deve em grande parte ao que Locatel (2.000) resalta como fator cultural. De acordo com o referido autor:

Como a região foi colonizada mais tardiamente que outras áreas do Estado de São Paulo, nas décadas de 1940 e 1950, quando o mercado de terras na região foi mais intenso, no período de implantação do projeto modernizador, nas

⁶ Essa denominação é utilizada por Ceron (1971) para designar o seu objeto de estudo, em sua tese de livre docência intitulada "Tipos de agricultura e sua regionalização no setor norte-ocidental do estado de São Paulo". E neste "setor norte-ocidental" o autor inclui a Região de Jales-SP.

décadas de 1960 e 1970, com os incentivos governamentais como o crédito de custeio e as políticas setoriais, a maioria dos responsáveis pelas unidades de produção era formada por aqueles antigos colonos das fazendas de café, filhos de imigrantes europeus e orientais, que conseguiram adquirir um pequeno lote de terra e concretizar um sonho que vinha da geração anterior que migrou para o Brasil e que teve sua expectativa, frustrada de se tornar proprietário de terra. (Locatel, 2000, p.138)

A fruticultura se constituiu numa atividade que possibilitou e viabilizou a manutenção da estrutura fundiária regional, em face à decadência da cafeicultura e a crise da agricultura regional, pois esta atividade demanda baixa quantidade de terras em seu processo produtivo, sendo viável sua produção em pequenas áreas.

A pecuária neste contexto está inserida na região como atividade secundária. Pois o produto de principal valor na região é a uva, e em muitas propriedades em que a uva não está presente, constituem-se em produtos principais outras frutas como a manga, a laranja, etc., enquanto que a pecuária e outros produtos agrícolas têm importância secundária. A pecuária de corte normalmente se constitui na principal atividade nas grandes propriedades da região. A pecuária adquire certa expressão na região, quando vinculada à produção de leite.

3. O Setor Frigorífico e a Bovinocultura de Corte

No Brasil, o desenvolvimento da pecuária de corte tem sido viável, no geral, apenas em sistemas de produção extensivos, com a alimentação do rebanho se fazendo à base de pastagens. Resultando na baixa produtividade do rebanho brasileiro, que apresenta taxas de abate/produtividade muito aquém do que se observa em outros países produtores de carne bovina. A taxa de abate brasileira, de acordo com Vieira & Farina (1987), estimada em 12%, corresponde apenas à metade da taxa de abate da Argentina, e menos ainda, quando comparada a outros países mais desenvolvidos na produção de carne bovina.

Somado a isto, tem-se o problema da estacionalidade da produção, ocasionada justamente pelo declínio das pastagens nos meses de estiagem, que faz com que o animal perca peso, retardando seu envio ao abate. Contudo, a pecuária nacional ainda enfrenta outros problemas que contribuem para a sua baixa produtividade, como a acentuada

incidência de *acta e endoparasitas*, e também pelos seus baixos índices zootécnicos (Vieira; Farina, 1987).

A bovinocultura de corte expandiu-se pelo Oeste do estado de São Paulo, atingindo outros territórios contíguos (em alguns já havia a presença da atividade, como Minas e Mato Grosso), sobretudo a partir da Crise de 1929, em resposta ao crescimento da cidade de São Paulo, que se tornou um importante centro consumidor, além da disponibilidade de crédito e a decadência do café, no qual a pecuária se torna uma opção interessante, pois não demanda grande quantidade de força de trabalho como o café.

Atualmente, observamos que a pecuária bovina, vem permanecendo no estado em espaços menos valorizados, como na porção Oeste, em razão do baixo preço da terra, pois como já foi dito, no Brasil a produção da pecuária de corte se torna viável, no geral, em sistemas extensivos. Fator que limita o desenvolvimento desta atividade em áreas mais valorizadas.

Dentro do setor de carnes, o segmento bovino, constitui-se no que mais possibilidade tem de incorporar tecnologia. Pois em comparação com os segmentos avícola e suíno, foi o setor que menos incorporou tecnologia.

Atualmente, está ocorrendo um processo de realocação espacial das plantas abatedouras. Com a adoção de políticas de incentivo à atração de frigoríficos por parte do Governo do estado de Mato Grosso do Sul, aliada às vantagens já presentes naquele estado para a produção de carne bovina, verifica-se a transferência de grande parte das unidades abatedouras do Estado de São Paulo, para o Estado do Mato Grosso do Sul, que possui o maior rebanho bovino do país, além de outras vantagens, como a produção de grãos que passa a ser utilizado na complementação alimentar dos bovinos, entre outros.

4. A Estrutura e as Transformações da Agropecuária na Região de Jales - SP

Conforme se ressaltou anteriormente, a estrutura fundiária da região se caracteriza por ser desconcentrada, quando comparada por exemplo, à estrutura fundiária do restante do Estado de São Paulo.

De acordo com dados da FIBGE de 1995/96, a respeito da estrutura fundiária da Microrregião Geográfica de Jales, verificou-se que os estabelecimentos com área inferior a 100 ha perfaziam 92,78% do número de estabelecimentos e ocupavam 48,11% da área total dos estabelecimentos. Verificando-se realmente o predomínio de pequenos estabelecimentos na região, apesar de observamos no período de 1960 até 1996, tendência à concentração fundiária. Considerando-se a

heterogeneidade e a relativa complexidade da realidade em questão na região, se verificam municípios dentro desta, que apresentam estruturas fundiárias mais concentradas, como os municípios de Santa Albertina e Paranapuã, diferente, portanto, da estrutura desconcentrada observada nos municípios de Jales, Urânia e Palmeira d'Oeste, por exemplo.

A estrutura fundiária da região de Jales, desse modo, não se constitui num entrave ao desenvolvimento das lavouras, ao contrário do que ocorre em grandes parcelas do território paulista, onde a estrutura fundiária bastante concentrada dificulta o desenvolvimento das lavouras e facilita a expansão da pecuária extensiva de corte, atividade que demanda grandes porções territoriais para seu desenvolvimento. Na região de Jales, ao contrário, a estrutura fundiária, de certa forma, constitui-se num entrave ao desenvolvimento pleno da pecuária de corte em grande escala, e em regime extensivo.

Observa-se na região de Jales, de acordo com os Censos Agropecuários, a diminuição da categoria dos parceiros no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, e por outro lado, tem-se o aumento da categoria de proprietários. Este processo reflete a decadência da cafeicultura na região, assentada na parceria, e a expansão da fruticultura, que passa a ser produzida pelo proprietário, utilizando-se da mão-de-obra da família, complementada, em alguns casos, por empregados temporários.

Analisando a utilização das terras na região de Jales, no período compreendido entre 1960 e 1996, constata-se o processo de declínio das áreas ocupadas por lavouras, e a sua substituição pelas pastagens, conforme se verifica pela Figura 1.

Em 1960, na região de Jales, as lavouras temporárias e permanentes, juntas, perfaziam 41,71% da área total dos estabelecimentos, enquanto que as pastagens naturais e artificiais eram responsáveis por 35,56% da área total, e as matas naturais e artificiais correspondiam a 19,08% da área, restando 3,65% para as terras em descanso e não utilizadas.

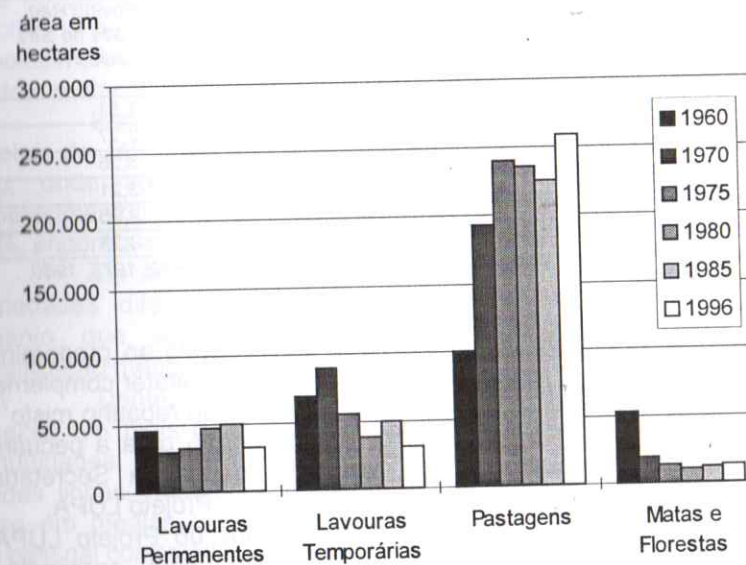
Em 1996, na região de Jales, a área de lavouras temporárias e permanentes perfaziam apenas 18,8% da área total, enquanto que as pastagens tiveram um aumento significativo no período, passando a corresponder a 76,05% da área total, restando 3,95% para as matas e 1,2% para as terras em descanso.

Observando a Figura 1, pode-se, de imediato, inferir que a pecuária bovina constitui-se na principal atividade da agropecuária regional, em razão das pastagens ocuparem a maior parte das terras. Por outro lado, levando-se em conta os dados referentes ao valor da produção agropecuária, verifica-se que a pecuária fica em segundo plano, com 37,3% do total do valor da produção da região, para o ano de 1996. Neste mesmo ano, as lavouras respondem por 62,7% do valor da produção agropecuária. Deste modo, não se pode dizer que a região é essencialmente pecuarista.

No período de 1960 a 1996, na região de Jales, verificou-se um declínio dos cultivos tradicionais (milho, arroz e o feijão), que em termos absolutos, sofrem uma redução de 83% na área total ocupada por tais lavouras. Outros cultivos apresentam redução na produção, como o algodão, que para o mesmo período sofre uma redução absoluta de 34,4% na área ocupada. Mesmo assim, a região continua com uma produção agropecuária diversificada, pois estes produtos tradicionais tiveram sua produção reduzida em razão dos baixos rendimentos gerados aos pequenos produtores, que substituíram estas lavouras por outros produtos de maior valor comercial.

Em relação à pecuária avícola e suína, observa-se que estas são desenvolvidas de maneira tradicional na região de Jales, pois não existem granjas que realizem a produção de aves e nem frigoríficos que realizem o abate de frangos na região. Deste modo, a criação de frangos e porcos, se realiza visando apenas a subsistência do produtor rural, com a produção de frangos apresentando uma enorme redução no período considerado, havendo uma redução de 62,9% no período de 1960 a 1997, de acordo com dados da FIBGE.

Figura 1 - Utilização das terras na Microrregião Geográfica de Jales-SP - 1960-1996



Fonte: F.I.B.G.E. - Censo Agrícola de 1960; Censos agropecuários de 1970, 1975, 1980, 1985 e 1995/96.

Fonte: F.I.B.G.E. - Censo Agrícola de 1960; Censos agropecuários de 1970, 1975, 1980, 1985 e 1995/96.

5. A Pecuária Bovina na Região de Jales - SP

De acordo com dados do IBGE, a região de Jales possui um rebanho bovino de 397.804 cabeças, segundo o Censo Agropecuário de 1995/96. Apresentando, porém, uma baixa produtividade, com um índice de lotação de 1,54 cabeças por hectare, enquanto que para o conjunto do estado, neste mesmo ano era de 1,35 cabeça por hectare, o que revela a baixa produtividade da pecuária de corte tanto na região como no Estado de São Paulo, conforme se verifica pela tabela 1.

Analisando os dados de expansão da pecuária na região, verificou-se que esta se fez de maneira horizontal, pois o rebanho aumentou à medida que também houve um aumento das áreas de pastagens, que passaram a se expandir em detrimento das áreas de lavouras.

Tabela 1 - Efetivo Bovino da Microrregião Geográfica de Jales- SP - 1960 - 1996

Anos	Efetivo Bovino Nº de Cabeças	Efetivo bovino Índice 1960=100	cabeças/hectare	Efetivo bovino Reg. Jales/Estado de São Paulo
1960	108.118	100	1,0	1,51
1970	252.555	233	1,3	2,77
1975	385.640	256	1,6	3,36
1980	375.259	347	1,5	3,21
1985	361.266	334	1,6	2,95
1996	397.804	367	1,5	3,23

Fonte: FIBGE - Censo Agrícola de 1960; Censos Agropecuários de 1970, 1975, 1980, 1985 e 1995/96;

Na região de Jales, de modo geral, devido ao predomínio da pequena propriedade, a pecuária é uma atividade de caráter complementar. Isto, de certa forma, explica o predomínio na região do rebanho misto⁷, que representa 55,5% do total do rebanho, ficando 34,0% para a pecuária de corte, e 10,1% à pecuária leiteira, conforme dados da Secretaria da Agricultura e abastecimento do Estado de São Paulo, Projeto LUPA.

Ainda de acordo ainda com os dados do Projeto LUPA, se tomarmos o município de Jales isoladamente, este apresenta um

⁷ Rebanho misto, refere-se ao rebanho que tem como finalidade da produção de leite e de carne.

predomínio ainda maior do rebanho misto. Pois neste, o rebanho misto perfaz 84,0% do total, o rebanho com finalidade de corte, 14,4% e o rebanho leiteiro apenas 1,5%.

A produção de leite na região, se constitui numa importante fonte de renda para os pequenos produtores, que realizam a comercialização, em grande parte dos casos, no mercado informal, geralmente nas ruas das cidades da região, entregando leite ou vendendo queijo diretamente na residência do consumidor, e também grande parte destes entregam para os laticínios.

Infere-se assim que a pecuária regional se caracteriza pela ausência de especialização produtiva, em razão do amplo predomínio do rebanho misto. Isto se explica pela vinculação da pecuária às estratégias de sobrevivência dos pequenos proprietários, que quando se vêem em dificuldades financeiras, vendem alguma de suas cabeças para o abate, além do que, este animal, no caso supõe-se uma vaca ou um bezerro, participou do processo de produção de leite. Desse modo, a pecuária mista proporciona considerável liquidez ao pequeno produtor rural da região, que busca maximizar o aproveitamento do seu rebanho, e que não pratica uma pecuária especializada, em razão de sua baixa capitalização.

Tomando-se como base territorial de análise, apenas o município de Jales - SP, verificou-se que a maior parte do rebanho bovino encontra-se localizado nos pequenos estabelecimentos. De acordo com dados do Censo Agropecuário de 1995/96, 59,9% do rebanho bovino do município de Jales encontram-se localizados nos pequenos estabelecimentos, ou seja, estabelecimentos com área inferior a 100 ha, ficando o restante, 40,1% em estabelecimentos com área superior a 100 ha.

Para efeito de comparação, esta configuração presente no município de Jales, é o oposto do observado no conjunto do estado de São Paulo, onde apenas 32,21% do rebanho bovino encontram-se em estabelecimentos com menos de 100 ha, e a grande maioria do rebanho, 67,7%, encontra-se em estabelecimentos com área superior a 100 ha.

De acordo com Vieira; Farina (1987), no Brasil, as pequenas propriedades diferem das grandes, pela diversificação da produção, enquanto que as grandes propriedades apresentam um grau de diversificação menor e voltam-se primordialmente para a atividade de corte.

Dentro disso, "...os pequenos produtores extraem carne e leite, às vezes um mais outro menos, segundo as oscilações de preços e as oportunidades de mercado" (Müller, 1996, p.24). Enquanto, que "em grandes linhas, pode-se afirmar que a produção agrária de carne bovina ocorre em médias e, principalmente, grandes propriedades, que operam com pessoal contratado..." (1996, p.17).

Esta maior funcionalidade da pecuária de corte nas grandes propriedades, e da pecuária mista nas pequenas, se deve ao fato da

pecuária de corte no Brasil ser desenvolvida de maneira extensiva, não se constituindo numa atividade viável às pequenas propriedades.

Dessa forma, num espaço caracterizado pela grande presença de pequenas propriedades, como a Região de Jales, esta área se apresenta mais propensa ao desenvolvimento da pecuária leiteira, onde a pecuária de corte constitui-se num subproduto da pecuária leiteira, apesar desta também não ser desenvolvida de forma plena na região, mantendo ainda baixa produtividade. Desenvolve-se a pecuária mista, em razão da falta de capitalização dos produtores para se especializarem na produção de leite, e a dificuldade de se estabelecer a produção em grande escala na pecuária de corte em pequenas propriedades.

A produção de leite da região em 1996, perfazia 2,8% da produção do estado, uma produção inexpressiva, com uma média leite/vaca/dia de 1,7, bem inferior à média estadual, que para o mesmo ano era de 3,5 leite/vaca/dia.

Dos produtores pesquisados, 55,0% vendem seus animais para açougues e supermercados. Isto está intimamente ligado ao caráter predominantemente misto do rebanho da região, em razão da pecuária regional estar vinculada à funcionalidade da pequena propriedade.

O reduzido rebanho apresentado nas propriedades da Região de Jales-SP, se explica em razão do predomínio das pequenas propriedades, que impossibilitam uma produção sistemática da bovinocultura de corte, impedindo assim de se alcançar uma escala mínima de produção. A ausência de uma escala mínima de produção, torna-se um empecilho para a venda aos frigoríficos. Fator importante e que leva os produtores da região, a encontrarem mercado em açougues e supermercados.

Dos produtores pesquisados, 29,0% apenas destinam sua produção para os frigoríficos, sendo 16,0% aqueles que vendem ora para os açougues e supermercados, ora para os frigoríficos.

Dos produtores pesquisados na região, apenas 2,63% realizam confinamento na entressafra, aproveitando-se da reduzida oferta quando os preços sobem, para obter maior lucratividade. Assim, a viabilidade da pecuária de corte em pequenas propriedades, se dá apenas através da prática intensiva, do confinamento, tendo em vista condições propícias do mercado. Pois nas condições brasileiras, o confinamento fica impossibilitado de ocorrer nas pequenas propriedades, em razão de enfrentar a concorrência do boi produzido de maneira extensiva e a custos bem mais reduzidos.

Temos então, que a maior parte do rebanho bovino que segue para o abate na região, é de procedência mista, o que faz com que na região, não haja o predomínio do rebanho "branco", ou seja, de gado nelore que é mais apropriado para a produção de carne, mas sim, de um rebanho

constituído de raças de origem européia, que se "ajustam" melhor na atividade leiteira.

Deste modo, a pecuária da região de Jales, adquire as peculiaridades destacadas anteriormente, por estar inserida na funcionalidade da pequena e da média propriedade, o que em tese, pelo não predomínio de uma pecuária essencialmente voltada para o corte, inviabilizaria a presença de plantas abatedoras de considerável porte, como existe na região. Neste próximo tópico, será feita uma análise dessa relação entre a pecuária regional e os frigoríficos ali existentes.

6. Caracterização do Complexo Carne - Frigoríficos

Os frigoríficos existentes no município de Jales instalaram-se no final das décadas de 1970 e de 1980. Num primeiro momento tem-se a instalação do frigorífico Jales, numa época em que o grande capital deixa o setor de abate e processamento de carne bovina. Isto ocorreu em função da combinação de vários fatores, que configuraram uma conjuntura específica do setor ao final dos anos 1970, impossibilitando a continuidade do grande capital no setor, como: a intensa variação nas exportações, a oscilação da demanda interna, e principalmente a sonegação de impostos por parte dos frigoríficos menores, que culminou numa concorrência desleal com as empresas de grande porte.

Deste modo, houve o fechamento de várias unidades de abate, com o grande capital migrando para o segmento de aves, suínos e, até, para outros setores da economia. Desse modo, tem-se a permanência de "aventureiros" no comando dos frigoríficos de carne bovina, o que vem se constituindo num entrave ao desenvolvimento do segmento bovino.

Após a instalação do Frigorífico Jales em 1978, aproveitando-se desta lacuna deixada pelo grande capital no setor, mais tarde, no ano de 1989 tem-se a instalação do frigorífico Itarumã. Estas plantas de abate de bovinos são empresas de pequeno porte, e que se instalaram no município contando com incentivos do governo local, como a doação do terreno.

A verdade é que este processo de modernização dos frigoríficos de carne bovina, ocorrido na década de 1990, foi marcado pela presença de novos vetores, como a globalização/regionalização da economia e emergência de novas tecnologias inerentes ao processo produtivo, se deu de maneira muito incipiente pois não se fazem sentir na região de Jales, que apresenta unidades frigoríficas mais semelhantes às unidades abatedoras dos anos 1970. Desta maneira, este processo de modernização manteve-se restrito apenas à alguns poucos produtores ligados ao fornecimento de restaurantes e frigoríficos especializados, que demandam cortes finos e especiais, atendendo portanto uma clientela com elevado poder aquisitivo.

Em razão deste processo se dar de forma restrita, as transformações e a adoção de novas tecnologias no setor "não conseguiram alterar em profundidade o caráter extensivo e sazonal da oferta para os frigoríficos". (Müller, 1982, p. 47 *apud* Mazzali; Costa, 1996, p.4).

O que se verifica no segmento de carne bovina, diferentemente dos setores de aves e de suínos, é a não articulação entre a indústria e o fornecedor de matéria-prima, mantendo-se um relativo grau de autonomia e poder de barganha dos pecuaristas. Já os setores de aves e suínos se organizaram e modernizaram-se sob a dinâmica do Complexo Agroindustrial nos anos 1970 e 1980 com o apoio do Estado e atualmente apresentam-se como os segmentos mais modernos, em contraste com o setor de carne bovina.

Na região de Jales, o setor frigorífico continua operando em níveis de produtividade semelhante aos padrões nacionais, não incorporando as modernas tecnologias disponibilizadas pelo setor nos anos 1990, como a informatização do processo produtivo.

Tanto isto é verdade, que analisando os dados a respeito da mão-de-obra empregada nestas plantas, observou-se que se caracterizam por serem intensivas na utilização de mão-de-obra, pois grande parte desta é desprovida de qualificação e exerce funções braçais. As duas plantas localizadas no município de Jales, empregam no total 576 trabalhadores, sendo que deste total 256 trabalham no Frigorífico Itarumã e 320 no Frigorífico Jales. E deste total, 54,0% constituem mão-de-obra não-qualificada. Contudo, há que se destacar a importância destas plantas no município de Jales, em razão da geração de um considerável número de postos de trabalho.

A maior parte da matéria-prima processada nos frigoríficos do município de Jales, provém de municípios próximos e dos estados vizinhos, como Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais. De acordo com dados obtidos nestas empresas, o município de Jales, fornece 16,66% da matéria-prima processada nas suas unidades de abate, enquanto que outros municípios e estados vizinhos, no geral, fornecem 83,33% de toda matéria-prima, conforme se observa pela tabela 2.

Tabela 2- Procedência dos animais abatidos.

	Do próprio Município %	Municípios da região %	Estados vizinhos (MS, GO, MG) - %
Itarumã	40	30	30
Jales	5	50	45
Total (inclui os dois frigoríficos)	16,66	43,33	40,00

Fonte: Trabalho de Campo, 1999

Inferese deste modo, que as unidades de abate e processamento de carne do município possui grande dependência de matéria-prima oriunda de outros municípios e estados, como municípios do próprio estado de São Paulo e também de estados vizinhos como Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais. E que, assim, a pecuária regional não se constituiu no principal fator que atraiu estas plantas de abate para o município, mas sim a sua localização estratégica, próxima às tradicionais áreas de criação de bovinos. Ressaltando que o abate e o processamento de carne bovina, constitui-se num processo que descarta grande parte da matéria-prima, e por isso é mais interessante o frigorífico se localizar próximo das áreas de criação e não próximo ao mercado consumidor, como ocorre com outros ramos industriais.

O desenvolvimento do setor de transportes e comunicações, e o conseqüente avanço da pecuária de corte para áreas mais longínquas dos grandes centros consumidores, têm permitido a estas plantas se localizarem muito próximas da matéria-prima, ou seja, das áreas de invernada. Verifica-se portanto, que as plantas frigoríficas no que concerne à localização espacial, estão bastante vinculadas aos fatores referentes à matéria-prima, enquanto que os demais setores industriais, sobretudo os mais modernos, levam em consideração outros aspectos, mais ligados ao modo de acumulação flexível.

Contudo, há que se ressaltar que os frigoríficos instalados no município de Jales, possuem significativa capacidade de abate, tendo o frigorífico "Itarumã", capacidade máxima de abate de 300 cab/dia, abatendo em média 250 cab/dia. O frigorífico Jales, por sua vez, possui uma planta maior, com uma capacidade máxima de abate de 600 cab/dia, abatendo em média de 500 cab/dia.

No Brasil, o setor de carne bovina caracteriza-se pela ausência de integração entre os produtores pecuaristas e a agroindústria processadora, o oposto do que ocorre no segmento avícola e suíno. Isto tem gerado incertezas dentro da atividade e perdas para ambos os lados. Sendo este, um fator relevante que limita a modernização do setor, que se dá em decorrência do grande poder de barganha que detêm os pecuaristas no Brasil. Com isso, os frigoríficos continuam sofrendo com o problema da estacionalidade da produção, e os pecuaristas também perdem, na medida em que não aumentam sua produtividade e deixam de aproveitar maiores oportunidades no mercado.

Um fator de ordem estrutural, presente em todos segmentos da cadeia de carne bovina, é a sonegação fiscal, que opera como elemento compensatório da menor eficiência produtiva do pecuarista e dos abatedouros de carne. Este problema da sonegação fiscal, que predomina no setor de abate de bovinos formado por pequenos capitais, em geral "aventureiros" motivados por ganhos momentâneos proporcionados, sobretudo pela sonegação, não tem força econômica e solidez financeira

para conquistar a confiança dos pecuaristas não estimulando, também, a melhoria da qualidade da atividade criatória.

De acordo com Perosa (1998), tendo em vista as novas tendências do mercado, pressupõe-se que a coordenação entre os elementos de uma cadeia produtiva exerça papel relevante na busca de competitividade. Ao mesmo tempo em que se observa a crescente tendência de segmentação dos mercados e diferenciação de produtos, que se apresentam cada vez mais exigentes a "quilos de saúde e ao meio ambiente".

Em meio a tudo isto, conforme já foi ressaltado anteriormente, o setor bovino do Oeste Paulista vem sofrendo concorrência do setor bovino da região Centro-Oeste, em especial do Estado de Mato Grosso do Sul, que tem oferecido inúmeras vantagens para que os frigoríficos passem a abater e a processar a carne no próprio estado, evitando a saída do gado para ser engordado, abatido e processado no Estado de São Paulo (Hespanhol, 1996 p.146).

Desse modo, os frigoríficos do Estado de São Paulo, estão transferindo suas unidades de abate para a região Centro-Oeste, principalmente para o Estado do Mato Grosso do Sul, em função das vantagens oferecidas por aquele estado, como farta matéria-prima, preços mais baixos, redução do custo do frete, a eliminação do "stress" dos animais, e a existência de linhas de crédito do Banco do Brasil e do BNDES. Como reflexo desta tendência, nos últimos anos o número de frigoríficos passou de 3 para 14 no estado do Mato Grosso, de 12 para 25 no estado do Mato Grosso do Sul (Felício, 1992 *apud* Mazzali, 1995 p.93).

No caso da região de Jales, este processo de deslocamento espacial das plantas frigoríficas, se fez sentir a partir da inauguração da Ponte Rodoferroviária sobre o rio Paraná, ligando os Estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul na altura dos municípios de Santa Clara d'Oeste no estado de São Paulo e de Aparecida do Taboado no Mato Grosso do Sul. E a partir de então, o frigorífico Itarumã, transferiu o abate para aquele estado, ficando apenas as atividades que agregam menor valor no município de Jales.

7. Considerações Finais

Vimos que a modernização da agricultura foi um processo que não ocorreu de maneira pronunciada na região de Jales - SP.

As transformações ocorridas na base técnica da agropecuária de Jales, atingiram mais os produtos ligados à fruticultura e que se destinam ao mercado, permanecendo a pecuária regional, até os dias de hoje, praticada de maneira tradicional.

Assim, a pecuária de corte, nos moldes como vem sendo praticada no Brasil, não se viabiliza em pequenas propriedades, que são a maioria na região.

A configuração do espaço agrário da região de Jales, tendo a pecuária de corte pouca expressividade, faz com que o complexo carne - frigoríficos se dê de forma parcial, com a pecuária regional contribuindo de maneira inexpressiva no fornecimento de matéria-prima às plantas frigoríficas do município de Jales - SP, apesar de ter havido um processo de expansão das pastagens na região, no qual o aumento da produção da pecuária de corte, "esbarrou" na estrutura fundiária, que não é adequada a prática da pecuária de corte.

Desta forma, a grande parte da matéria-prima processada nos frigoríficos de Jales, provém de outros municípios do Oeste paulista e de áreas tradicionais de criação localizadas em estados vizinhos, como Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais.

Assim, os frigoríficos estabeleceram-se no Município de Jales em razão da sua posição geográfica privilegiada, o que possibilita acesso fácil e próximo às áreas de produção pecuária do Oeste paulista e de outros estados tradicionais na produção pecuária.

8. Bibliografia

- CERON, Antonio Olívio Ceron. **Tipos de Agricultura e sua regionalização no setor norte-ocidental do estado de São Paulo**. Rio Claro, Tese de Pós-Doutorado em Geografia, 1971.
- CHAIA, Vera Lúcia Michelany. **Os conflitos de arrendatários em Santa Fé do Sul (1959-1969)**. São Paulo, Dissertação de Mestrado em Sociologia - USP, 1995.
- FIBGE, Censo Agrícola de 1960. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1960.
- FIBGE, Censos Agropecuários. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1970, 1975, 1980, 1985 e 1995/96.
- Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Projeto LUPA, 1995/96.
- HESPANHOL, Antonio Nivaldo. **Dinâmica agroindustrial, intervenção estatal e a questão do desenvolvimento da região de Andradina - SP**. Rio Claro - IGCE-UNESP, Tese de Doutorado em Geografia, 1996.
- LOCATEL, Celso Donizeti. **O desenvolvimento da fruticultura e a dinâmica da agropecuária da Região de Jales - SP**. Presidente Prudente, Dissertação de Mestrado em Geografia, 2.000.

MAZZALI, L. COSTA, V. M. H. **Alterações no padrão produtivo da bovinocultura no Brasil: novos cenários, novos agentes e novas estratégias.** Congresso Nacional de Economia e Sociologia Rural SOBER, 34, 1996. In: Anais..v.2., p. 1374 a 1393.

MÜLLER, Geraldo. **Empresas líderes, poder econômico e pequenos produtores na cadeia agroindustrial de carnes no Brasil.** Revista Informações Econômicas, São Paulo, IEA, v.26, nº9, set.1996.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Agricultura e Indústria no Brasil.** In: *Boletim Paulista de Geografia.* São Paulo: AGB (Associação dos Geógrafos Brasileiros), 1981, n.58, p. 5 – 64.

PEROSA, José Matheus Yalenti. **Coordenação e competitividade na cadeia carne bovina.** Congresso Nacional de Economia e Sociologia Rural SOBER, 1998.

VIEIRA, Cláudio Afonso; FARINA, Elizabeth M. Mercier Querido. **Pecuária bovina brasileira: as causas da crise.** São Paulo: IDE, 1987. (Série relatórios de pesquisa, 37)